

Cartografias da percepção

Produção de conhecimento da paisagem urbana em Lagarto/Se

SESSÃO TEMÁTICA: PROCESSOS FORMATIVOS SOBRE A PAISAGEM

Profª Msc Lucycleide Santos Santana 1
Instituto Federal de Sergipe)
E-mail: lucycleide.santana@ifs.edu.br

RESUMO

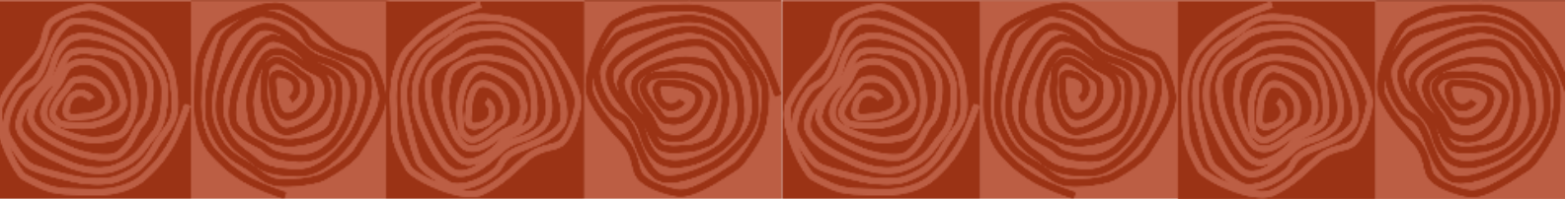
A proposta deste trabalho é evidenciar a importância do estudo da paisagem, natural ou urbana, na formação dos estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo do IFS – Campus Lagarto. Busca-se incentivar a compreensão e a análise da paisagem urbana a partir da percepção, permitindo que os alunos identifiquem seus elementos constitutivos, aspectos físicos e antrópicos, transformações históricas e urbanas, referências arquitetônicas, características morfológicas, expressões do cotidiano, costumes e tradições. Essa construção do conhecimento fortalece diversas disciplinas do curso, aproximando o estudante da cidade, de suas problemáticas e da produção de saberes sobre sua realidade arquitetônica e urbanística. A metodologia envolve estudo teórico por meio de levantamento bibliográfico, visitas técnicas às áreas selecionadas, registros imagéticos, como fotografias, desenhos, croquis e mapas, em algumas atividades, o uso de softwares de representação, como o AutoCAD. Os resultados obtidos foram apresentados como trabalhos nas disciplinas e em eventos interdisciplinares, em que os alunos apresentavam o conteúdo aprendido com as leituras e discussões e apreendido nas visitas a campo. por meio de painéis, textos, artigos e produção de vídeos.

PALAVRAS-CHAVE: formação acadêmica; percepção; paisagem urbana.

ABSTRACT

The purpose of this work is to highlight the importance of studying landscape, both natural and urban, in the training of students in the Architecture and Urbanism course at IFS – Campus Lagarto. It seeks to encourage the understanding and analysis of the urban landscape from a perceptive perspective, allowing students to identify its constituent elements, physical and anthropic aspects, historical and urban transformations, architectural references, morphological characteristics, expressions of daily life, customs, and traditions. This construction of knowledge strengthens various disciplines within the course, bringing the student closer to the city, its problems, and the production of knowledge about its architectural and urban reality. The methodology involves theoretical study through bibliographic research, technical visits to selected areas, and visual records such as photographs, drawings, sketches, and maps. In some activities, the use of representation software, such as AutoCAD, was employed. The results obtained were presented as assignments in the disciplines and at interdisciplinary events, where students presented the content learned from readings and discussions and acquired during field visits. through panels, texts, articles and video production.

KEYWORDS: academic background; perception; urban landscape.



1 INTRODUÇÃO

O processo de ensino e aprendizagem nos cursos de arquitetura e urbanismo requer um processo de introdução, percepção e sensibilização do estudo da paisagem como precursor para prática de projeto arquitetônico e urbano. Esse caminho exige uma abordagem focal e sistêmica de vários assuntos, teóricos, ligados a história da arquitetura e das cidades, de planejamento e desenho urbano e de paisagismo até as formas de representação do que é apreendido, com as técnicas de desenho e representação gráficas. O conceito de paisagem, utilizado como categoria analítica da geografia, amplia a visão do arquiteto e urbanista para compreensão do espaço em sua totalidade, como forma, processo e expressão cultural.

A paisagem funciona como síntese das relações entre sociedade, natureza, técnica e tempo, permitindo ao estudante desenvolver uma leitura crítica das transformações urbanas e das dinâmicas que moldam o território. O estudo da paisagem contribui para formação do olhar analítico, permitindo a identificação de elementos naturais, urbanos, arquitetônicos e simbólicos que estruturam o ambiente. Para Santos (2006), a paisagem se diferencia do espaço, pois a mesma é uma totalidade formada pelo conjunto das formas, que exprimem as heranças, e as sucessivas relações entre o homem e a natureza.

Para Corrêa (1989), a paisagem urbana é uma expressão visível da estrutura espacial da cidade. Ela reflete usos diferenciados do solo, funções urbanas, ações dos agentes produtores do espaço (Estado, mercado, proprietários, usuários). A paisagem urbana aparece como um fenômeno morfológico, mas que só pode ser compreendido pelas práticas e processos sociais, que são inseparáveis. (Carlos; Souza; Sposito, 2012)

O tecido construído, formador de uma determinada paisagem urbana, estimula um olhar analítico que permite a identificação dos diversos elementos que a estruturam, sejam eles naturais, urbanos, arquitetônicos ou simbólicos. Nesse mesmo tecido, a leitura da paisagem vai além do que é apreendido diretamente pelos olhos, incorporando também leituras indiretas, relacionadas aos processos históricos de transformação, que permitem reconhecer permanências, rupturas, rugosidades e novas territorialidades.

Aprimorar o projeto arquitetônico e urbano, pois a compreensão profunda do lugar e de seus condicionantes físicos e culturais orienta soluções mais integradas, contextualizadas e sensíveis. No campo da arquitetura e urbanismo, o conceito de paisagem, desenvolve a percepção espacial e estética, essencial para leitura, representação e concepção de espaços qualificados. Aproxima o estudante da cidade real, de suas contradições, valores e identidades, fortalecendo a relação entre teoria e prática.

Nas discussões atuais que envolvem o meio ambiente e sua relação com o homem, promove a responsabilidade ambiental e social, ao reconhecer que intervenções no espaço impactam ecossistemas, memórias, usos e modos de vida. No campo da produção do espaço, estimula o pensamento crítico e incorpora debates sobre agentes produtores, lógicas econômicas, políticas públicas e práticas cotidianas.

A atualidade ampliou as discussões sobre a importância do conceito de paisagem, que se distancia cada vez mais, daquele de herança naturalista estudado por Humboldt na geografia. O método de estudo já partia da observação do meio natural, caracterizando o espaço e as diferenças, comparando e explicando. (Maximiano, 2004)



Paisagem não é o mesmo que espaço geográfico, mas pode ser compreendida como uma manifestação deste. O espaço é o objeto de estudo da geografia, enquanto a paisagem poderia ser entendida como uma medida multidimensional de compreensão de um lugar (Maximiano, 2002 apud Maximiano, 2004).

Santos (1988), diz que o espaço é diferente da paisagem, na sua abordagem sobre os objetos concretos ele é o mais interdisciplinar, e muitos o veem como um produto histórico, determinado pelo movimento e produção da sociedade. Já a paisagem,

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc (Santos, 1988).

Essa abordagem aproxima o conceito muito do que é trabalhado nos cursos de arquitetura e urbanismo, a dimensão da paisagem passa a depender do observador, de um ponto de vista, e pode tomar escalas diferentes, dependendo da percepção de quem vê e apreende. E essa visão ultrapassa o aspecto e chega a seu significado, e nesses termos passa a ser única e seletiva, pois cada pessoa, artista, arquiteto, geógrafo ou outra formação, tem maneiras distintas de apreender e interpretar o que é visto.

A forma de enxergar a paisagem, tem a ver com sua visão e relação com o mundo, com o ambiente que vive e modifica. Na geografia essa relação homem x natureza propõe dois tipos de paisagem, a natural e a artificial. A primeira sem ação humana e a segunda, transformada pelo homem, no campo da sua história, relações socioculturais. Assim a paisagem é heterogênea, não é criada de uma só vez, mas de acúmulos e acréscimos de tempo e trabalho. (Santos, 2006)

Na geografia, o conceito de paisagem passou por mudanças após 1970 que o aproximou da geografia humanista e cultural. A partir desse período, a paisagem passou a ser tratada não apenas como configuração morfológica, mas como campo de significações, experiências e interpretações construídas pelos sujeitos. Esse deslocamento teórico enfatizou que a paisagem é vivida, sentida, simbolizada e apropriada de maneiras distintas pelos grupos sociais, deixando de ser somente um dado visível para tornar-se também expressão das práticas culturais, da memória coletiva e das relações sociais em curso. (Santos, 2006; Lefebvre, 2001; Carlos, 2007; Moura-fé, 2014)

Esse avanço abriu caminho para compreender a paisagem como dimensão do mundo vivido, incorporando percepções, valores, representações, afetos e simbolismos. Assim, ela passou a ser vista não apenas como resultado de processos naturais e técnicos, mas como expressão das formas pelas quais as sociedades constroem e reinterpretem o espaço ao longo do tempo.

Em Ana Fani Carlos (1997), a paisagem se insere na discussão mais ampla sobre o espaço enquanto produção social. Ela enfatiza que a paisagem traduz o movimento da vida cotidiana, tornando visíveis os conflitos, usos e apropriações que estruturam a cidade. A paisagem, nesse sentido, é simultaneamente uma realidade sensível e uma revelação das condições sociais que formam o espaço urbano.



Para Lefebvre (2001), a paisagem se relaciona ao espaço percebido, isto é, ao nível imediato das formas e práticas sensíveis que compõem o mundo vivido. Contudo, ela nunca é apenas aparência: revela camadas do processo de produção do espaço, articulando o percebido ao concebido e ao vivido. A paisagem expressa a dialética entre o que é construído e o que é experienciado, sendo parte da totalidade espacial.

Na leitura da cidade, por essa ótica, a paisagem não é estática como numa fotografia, ela é objeto de mudança, marca da história do trabalho e das técnicas. Toda paisagem tem sua datação, reflete a totalidade da história construída e materializada. A funcionalidade também é importante como base para compreensão do funcionamento de alguns espaços na cidade, como cada um funciona em determinada hora do dia, dias da semana ou épocas do ano (Santos, 1988)

A fundamentação para o estudo da paisagem em Arquitetura e Urbanismo, assim como em outras áreas, tem origem na Geografia. Na reflexão apresentada por Besse (apud Constantino; Chiari, 2025), destaca-se uma síntese útil para os estudos da paisagem: a necessidade de compreender o território de forma integrada, considerando a articulação entre diferentes escalas de intervenção e as múltiplas relações entre o espaço urbano, o espaço rural, as infraestruturas e as diversas temporalidades que moldam seu funcionamento.

A paisagem torna-se, assim, um meio fundamental para reconciliar cidade e natureza, reconhecendo que esta última já não é um “exterior” à vida urbana, mas um componente intrínseco expresso em questões ecológicas, ambientais e de sustentabilidade presentes na qualidade do ar e da água, na drenagem, no saneamento, no conforto térmico e no uso de vegetação nativa. Nesse sentido, o estudo da paisagem é simultaneamente representação e imaginação: ele cria ao revelar, desenvolvendo potencialidades já existentes, ainda que pouco percebidas.

A cidade passa a ser o lócus da vida urbana e da formação das “paisagens urbanas” que traduzem a vida das pessoas em determinado tempo e espaço. No entanto, as cidades da atualidade, principalmente aquelas resultado da produção capitalista do espaço, e das transformações rápidas, as paisagens são efêmeras. E a efemeridade apaga junto a história contada nas ruas, nos edifícios, nos elementos arquitetônicos, nos azulejos, e consequentemente na imagem e identidade de uma população. A arquitetura e urbanismo contribui diretamente no processo de registro e de manter viva a história através da construção dessas imagens, são “resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio” (Lynch, 1982).

A organização espacial nas cidades tem um processo de tempo e mudança, que implica em ação contínua na estrutura social e econômica que reflete a sociedade em um dado momento, e, portanto, as paisagens criadas nesses recortes de tempo e espaço traduzem uma materialidade social (Santos, apud Castro; Gomes; Correa, 2000)

As paisagens da cidade podem refletir um sistema de significações, de sentido, de valores de uso (vida, convivência), de troca (mercadoria, capital) em processos de movimento, tensões e transformações. As linguagens urbanas, as escritas, dimensões e estruturas da cidade e da sociedade traduzem a totalidade do vivido, percebido e concebido (Lefebvre, 2001).



A percepção do espaço¹ e da paisagem é uma experiência do vivido, se dá a partir da conexão do corpo com a espacialidade,

O nosso corpo – através dos nossos sentidos – estabelece as conexões entre as coisas, arranjando-as adequadamente à percepção e, conseqüentemente, à experiência espacial (Malard, 2006).

A autora citada desenvolve a ideia de que o espaço arquitetônico, são concretização de imagens que são partes integrantes da orientação geral do ser humano. Pode-se aplicar essa tese para compreensão do processo de percepção e apreensão das paisagens urbanas. As espacializações são o resultado das interações do homem no espaço. E a arquitetura consegue traduzir através da representação todas as manifestações de espacialidade, relações culturais, sociais e econômicas no espaço.

O corpo ainda pode ter mais duas experiências com o espaço, a primeira, relaciona-se às formas como o espaço se apresenta aos sentidos: aquilo que vemos, tocamos, ouvimos e sentimos ao estar em um lugar. Envolve a maneira como a presença corporal organiza profundidade, distância, direções e relações espaciais. É a dimensão sensorial e sensível do espaço. E a segunda, a ideia do concebido diz respeito às representações, aos modelos, aos conceitos e às formas de pensar o espaço. Inclui mapas, planos, normas, teorias, discursos técnicos ou científicos. É o espaço produzido mentalmente, planejado e abstraído. O autor supracitado, Lefebvre (2001), trabalha com essas categorias ao tratar da cidade e realidade urbana, considerando que o tecido urbano não se limita a sua morfologia, mas também ao modo de viver da sociedade urbana.

A percepção da paisagem também foi trabalhada por Cullen (2011), quando nos permite de forma sistemática, através de conceitos, fazer percursos baseados nas cinco categorias criada por ele (caminhos, nós, barreiras distritos e marcos). O autor organiza a paisagem na mente do observador ajudando a organizar as cenas e a compreensão. Cullen ainda contribui com mais três categorias para auxiliar no processo de captação e experimentação nos espaços urbanos, ótica (apoiada na visão serial – percepções sequenciais da visão em movimento nos ambientes urbanos), local, apropriações relações emotivas das pessoas com o espaço e conteúdo, características da forma da cidade, cores, texturas, natureza, tempo e elementos que a dão identidade.

O objetivo deste trabalho é compreender o conceito da paisagem urbana, utilizando-se da metodologia que aplique as categorias de Cullen e Kevin para facilitar a percepção, representação e categorização das áreas estudadas, e contribuir com o estímulo e para a conscientização da necessidade de manutenção da história da cidade.

¹ Maurice Merleau-Ponty foi um filósofo fenomenólogo francês, fortemente influenciado por Edmund Husserl e Martin Heidegger. A espacialidade das coisas parece ser fundamentada nas ideias de Heidegger. E Merleau Ponty desenvolveu mais amplamente naquilo que pode interessar a Arquitetura, no que diz respeito a Percepção Espacial.

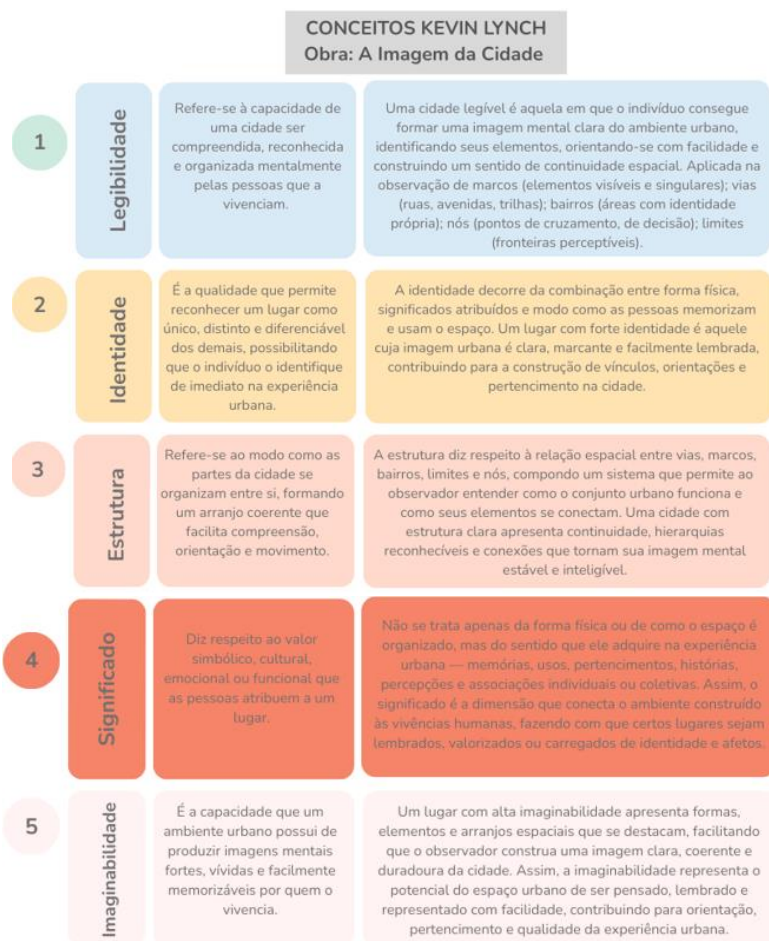
2 MATERIAL E MÉTODOS

O embasamento teórico partiu das referências bibliográficas sobre a temática, livros, teses, jornais, sites e artigos publicados. Aplicou-se o estudo sobre a paisagem urbana, com foco na percepção, em turmas dos primeiros, sétimos e oitavos semestres do curso de arquitetura e urbanismo do Instituto Federal de Sergipe, Campus Lagarto/SE. Para este trabalho foram escolhidas as experiências da disciplina do primeiro ano, Fundamentação para Projeto de Arquitetura e Urbanismo.

A disciplina sempre foi ministrada em dois momentos, um primeiro de estímulo, conhecimentos e metodologia no projeto de arquitetura, e um segundo momento, voltado a parte de urbanismo, incluindo a percepção da paisagem urbana. O trabalho de percepção foi aplicado nesta última etapa da disciplina.

O primeiro passo, leitura dos livros de Kevin Lynch, *A imagem da cidade* e o de Gordon Cullen, *Paisagem Urbana*. A escolha desses referenciais teóricos traduz a contemporaneidade das obras e a adequação sistemática ao conhecimento da percepção urbana.

O segundo passo foi a apresentação dos principais conceitos e categorias trabalhadas pelos autores em mapas mentais, seminários ou painéis. Esse momento foi discutido os conteúdos trabalhados pelos autores citados. Os conceitos utilizados de Lynch foram:



Fonte: Autora, 2025

Quanto aos conceitos de Gordon Cullen, todos foram utilizados para estudo, aqui optou-se por explicitar aqueles que mais conhecidos, e que traduzem a visão do autor de forma mais clara, facilita a compreensão e aplicação do estudo.



Fonte: Autora, 2025

Enquanto a ótica trata do modo como o olhar percorre a cidade e o local diz respeito ao ponto em que essa experiência se concentra, o conteúdo é aquilo que forma a base sensível e física dessa experiência, os componentes que se combinam para criar efeito visual, ritmo, contraste e continuidade. Assim, o conteúdo é o “material” da paisagem urbana, o conjunto de elementos que, organizados no espaço, moldam a qualidade estética, perceptiva e emocional do ambiente urbano.

Figura 1 – Primeiro e segundo passo da metodologia



Fonte: Autora, 2025

O terceiro passo foi a visita à cidade, em um percurso escolhido com o objetivo de percepção urbana, registros de todos elementos, visíveis e implícitos. Foi exigido para campo, anotações em diário de bordo, registros imagéticos (fotografias, vídeos e croquis). Esse momento o aluno foi estimulado a se conectar com os lugares de passagem e tentar apreender. Nesta etapa foi realizado o registro imagético das paisagens urbanas.

O quarto passo foi a sistematização do material coletado em campo em sala, utilizando mapas, fazendo representações de fachadas. Esse momento foi muito importante a representação gráfica através de desenhos a mão. Foi realizado um vídeo onde foi

reconhecido o conceito do autor e editado. E no quinto e último passo foi realizada a apresentação do material em sala, discussão e análise sobre o conteúdo apreendido.

Figura 2 – Terceiro / quarto passo da metodologia



Fonte: Autora, 2025

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados são fruto da metodologia aplicada com as turmas do primeiro semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo, após a leitura dos livros, geralmente dividido por capítulos e apresentados nas discussões, confecção e apresentação dos mapas mentais com os conceitos das obras *A imagem da cidade* de Kevin Lynch e *Paisagem Urbana* de Gordon Cullen. A proposta foi utilizar os conceitos estudados e apreendidos em sala de aula e aplicá-los como estímulo a percepção na visita pela cidade. O **mapa mental** foi utilizado como estratégia de apreensão dos conceitos de forma mais gráfica e dinâmica, visto que já havia sido utilizado o recurso didático de seminários e tornava-se muito cansativo e desestimulante (Ver figuras 3, 4 e 5).

Figura 3 – Mapa mental Gordon Cullen

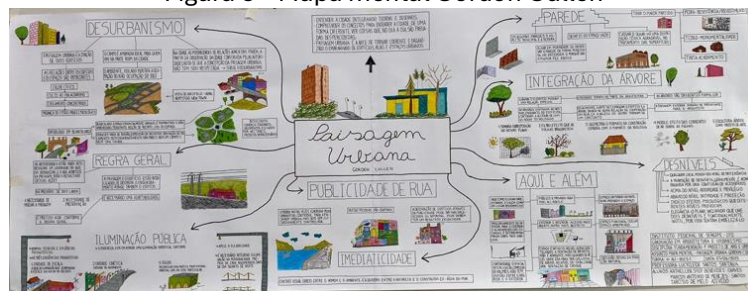


Figura 4 – Mapa mental Kevin Lynch



Fonte: Turma Fundamentação para Projeto de Arquitetura e Urbanismo, 2023

Figura 5 – Mapa mental Gordon Cullen



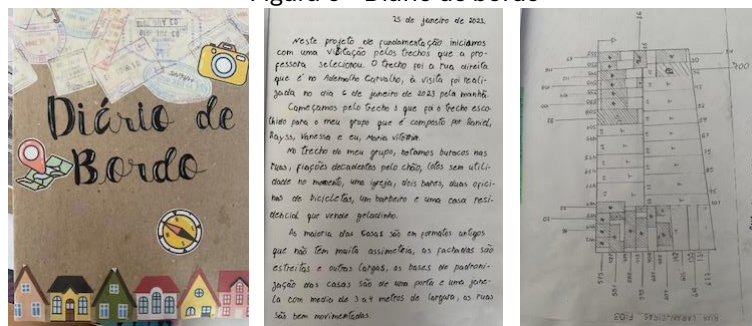
Fonte: Turma Fundamentação para Projeto de Arquitetura e Urbanismo, 2023

Após a primeira **visita a campo**, com o acompanhamento do professor, onde as turmas tinham o primeiro contato com a área de estudo escolhida e após em equipes faziam novas visitas para registro fotográfico das vistas e paisagens urbanas e para gravação do vídeo. O **vídeo** foi essencial para aplicação dos conceitos na realidade da cidade, e foi muito satisfatório os resultados, pois os alunos conseguiam aplicar o conteúdo a prática. Outro ganho foram os registros que contribuíram para novos estudos das áreas estudadas

A metodologia aplicada foi válida pois percebe-se uma evolução do aluno no decorrer do estudo, no princípio havia uma resistência e dificuldade de compreensão sobre os conceitos, que já levavam o aluno a pensar na percepção urbana na tentativa de entendimento. Em seguida, quando eram feitas as visitas em campo e os conceitos aplicados a realidade da cidade o conhecimento se completava.

Na **visita de campo**, o aluno levava suporte para anotações e posterior organização de um diário de bordo que deviam está todas as informações coletadas no processo de percepção urbana, era levado um croqui do mapa da área para facilitar a localização. Eram observadas, características e tipologia das edificações, das ruas e avenidas, usos do solo, infra-estrutura, cotidiano, acessos, fluxos e referencias visuais na paisagem (Ver figura 6).

Figura 6 – Diário de bordo



Fonte: Turma Fundamentação para Projeto de Arquitetura e Urbanismo, 2023

Como parte dos resultados após as visitas, foi elaborado em sala de aula, um **mapa do percurso**, apresentando os usos do solo e suas respectivas vistas/fachadas frontais como registro da coleta da paisagem urbana. Na vista geral, eram escolhidos elementos referenciais, pontos focais, escolhidos pelos alunos para detalhamento e ampliação (Ver figuras 7, 8 e 9).

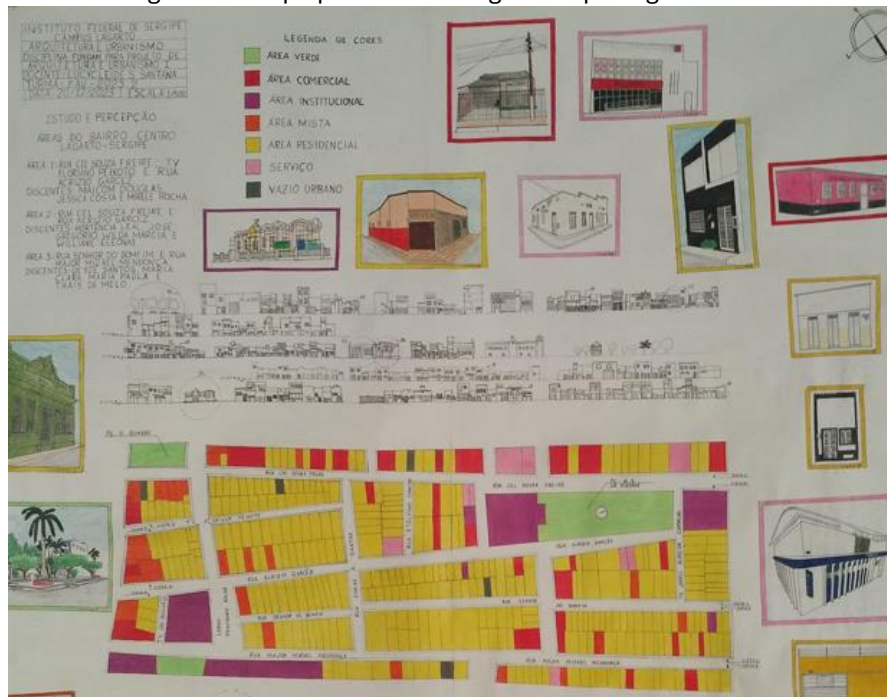
As cores no mapa são a identificação dos usos do solo encontrados no percurso. Acima do mapa são a montagem das fachadas e em destaque em colorido as fachadas selecionadas para representar a paisagem do percurso.

Figura 7 – Mapa percurso e imagens da paisagem urbana



Fonte: Turma Fundamentação para Projeto de Arquitetura e Urbanismo, 2023

Figura 8 – Mapa percurso e imagens da paisagem urbana



Fonte: Turma Fundamentação para Projeto de Arquitetura e Urbanismo, 2023

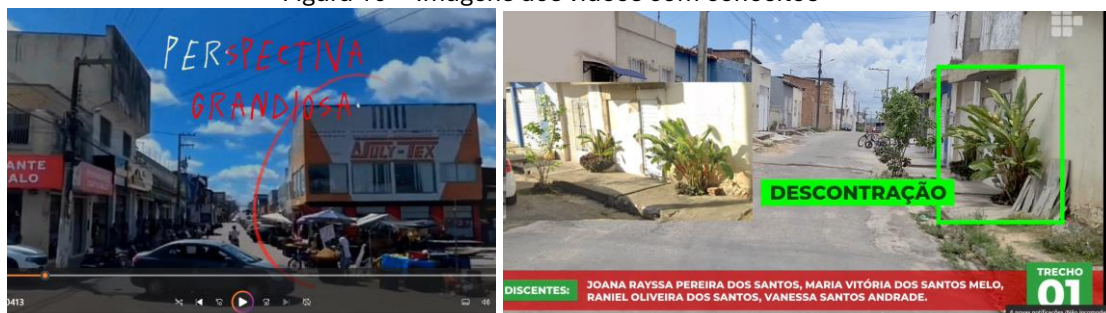
Figura 9 – Imagens das edificações e paisagem escolhidas



Fonte: Turma Fundamentação para Projeto de Arquitetura e Urbanismo, 2024

Os videos produzidos dos percursos foram editados com identificação dos conceitos estudados. O processo de edição e finalização dos videos promoveu mais um momento de estimular o olhar e a percepção. E mais um momento muito satisfatório como resultado visto que promoveu a discussão do conteúdo dos conceitos dos autores escolhidos para esse estudo (Ver figura 10).

Figura 10 – Imagens dos videos com conceitos



Fonte: Turma Fundamentação para Projeto de Arquitetura e Urbanismo, 2023

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos a partir da aplicação da metodologia baseada em Kevin Lynch e Gordon Cullen evidenciam, na prática, o que o referencial teórico adotado neste trabalho já indicava: a paisagem urbana constitui uma dimensão central para a compreensão do espaço e de sua produção. Ao longo das atividades, observou-se que os estudantes passaram a perceber a cidade não apenas como um conjunto de edificações, mas como uma totalidade em constante transformação, construída historicamente, conforme discutido por Milton Santos (1988; 2006). Os registros em campo, os croquis, os mapas e os vídeos permitiram identificar permanências, rupturas e rugosidades que expressam o tempo inscrito na paisagem urbana.

A utilização dos mapas mentais e dos percursos de observação reforçou a ideia de que a paisagem não se limita ao que é visto de forma imediata, mas envolve interpretação e leitura do vivido. Nesse sentido, os exercícios realizados confirmam a perspectiva de Ana Fani Carlos (1997), ao mostrar que a paisagem traduz o cotidiano e torna visíveis os usos, apropriações e conflitos que estruturam a cidade. A escolha de marcos, fachadas, eixos, áreas de fluxo e pontos focais revelou uma leitura que ultrapassa a simples forma urbana e alcança a dimensão social do espaço.

A metodologia também dialoga diretamente com a concepção de Lefebvre (2001), ao articular o espaço percebido, o concebido e o vivido. O percurso pela cidade e os registros sensoriais remetem ao espaço percebido. Os mapas, desenhos e vídeos organizam o espaço concebido. E as discussões em sala expressam o espaço vivido. A paisagem, nesse processo, aparece como elemento mediador entre essas dimensões, evidenciando que o espaço urbano não é apenas uma forma construída, mas o resultado das práticas, experiências e representações sociais.

Os materiais produzidos pelos estudantes, especialmente os mapas e os vídeos, também confirmam as contribuições de Cullen (2011) e Lynch (1982), ao mostrarem que a cidade é apreendida por sequências visuais, contrastes, ritmos, caminhos, marcos e áreas de referência. A aplicação dessas categorias ao espaço urbano de Lagarto permitiu construir uma imagem mais organizada e inteligível da cidade, ao mesmo tempo em que evidenciou suas descontinuidades, transformações e fragilidades.

Nesse contexto, o estudo da paisagem mostrou-se não apenas um instrumento de leitura formal da cidade, mas também um meio de compreensão crítica de sua dinâmica. Em uma cidade que vem passando por rápidas transformações, como Lagarto, os registros produzidos pelos alunos contribuem para documentar uma paisagem em mudança. Como aponta Santos (apud Castro; Gomes; Corrêa, 2000), essas paisagens expressam uma materialidade social em movimento, na qual se articulam valores de uso, valores de troca e modos de vida.

Assim, a inserção da percepção da paisagem no ensino de Arquitetura e Urbanismo revela-se fundamental para a formação dos estudantes, pois fortalece o olhar crítico, a sensibilidade espacial e a compreensão da cidade como produção social. A paisagem, entendida como expressão visível e simbólica do espaço urbano, aproxima teoria e prática e contribui para uma formação mais atenta à história, à identidade e às transformações da cidade.

6 REFERÊNCIAS

- CARLOS, Ana Fani A. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARLOS, Ana Fani A. et al (org). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- Constantino, N. R. T., & Chiari, K. C. (2025). A PAISAGEM COMO FERRAMENTA DE PESQUISA EM ARQUITETURA E URBANISMO: TEORIA E MÉTODO. *DESAFIOS - Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantins*, 12(2). https://doi.org/10.20873/2025_ENEPEA_v12n2.19
- CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- MALARD, M. L. **As aparências em arquitetura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- MAXIMIANO, L. A. (2004). CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE PAISAGEM. **Ra'e Ga: O Espaço Geográfico Em Análise**, 8. Acesso em: 10 mai. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/raega.v8i0.3391>.
- MOURA-FÉ, Marcelo Martins. HISTORICIDADE E CONTEMPORANEIDADE DO CONCEITO DE PAISAGEM. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 10, n. 2, 2015. DOI: 10.12957/tamoios.2014.9975. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tamoios/article/view/9975>. Acesso em: 5 dez. 2023.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2006. (Coleção Milton Santos).
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado. Fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- TORREZANI, Neiva C. **A prática docente e o conceito de paisagem: um estudo com professores de geografia**. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/15549>. Acesso em: 14 out. 2023.